



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A AVENTURA DA RITINHA

Por ROSA SILVESTRE

IMAGINEM uma pequenita de nove anos, a carinha morena, queimada de sol e de vento, descalça, mal vestida mas sempre risonha e bem disposta.

Era assim, tal qual, a Ritinha desta história. Mais pobre do que ela, não havia outra. Basta que lhes diga que nem sequer possuía uma boneca de trapos! Custa a acreditar? Mas afirmo-lhes que é verdade.

Julgam, também, que ela passava a vida a brincar com as outras crianças suas vizinhas? Enganam-se.

A Ritinha, para ajudar a mãe, trabalhava a valer, arrumava a casa, fazia recados e lavava no regato as suas próprias roupinhas, muito cheias de remendos. A pesar-disso, andava sempre contente, com um ar de alegria que só as crianças boas podem ter.

Embora vivesse numa aldeia dos arredores de

Lisboa, nunca lá tinha ido, até que, um dia, uma vizinha que negociava em fruta, lhe disse:

— Queres vir comigo à cidade?

— Se a minha mãe deixar...

A mãe deixou, e a Ritinha lá foi, montada num burrico, tão contente como se fizesse uma viagem maravilhosa!

Pelo caminho perguntou:

— A cidade é muito grande?

— Nem tu podes fazer idéa! Só vendo!

Quando chegaram, à medida que iam percorrendo as ruas, a Ritinha julgava que tudo aquilo era um sonho. Tantas casas! E tão altas! Os automóveis, os «electricos», o movimento das ruas, atordoavam-na.

Apeou-se do burrinho e lá foi andando, pela mão da vendedeira de fruta, que lhe perguntava, de vez em quando:

— Então, gostas?

— Gosto, sim senhora! — respondia a Ritinha que, de tão admirada, mal podia falar.

De repente, a pequena parou em frente duma montra, e ficou a olhar, sem arredar pé, como se a tivessem pregado ao chão.

(Continua na
página 4)



Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRAFICAS

Por MANUEL FERREIRA

HENRIQUE SAMORANO

PODERIA vir a ser um grande de Portugal, se a morte prematura não o arretatasse ao convívio das crianças, de quem era um verdadeiro amigo.

Nascido em 1912 e falecido em 1934, Henrique Samorano foi um daqueles, humildes que, pelo trabalho assíduo, iniciativas simpáticas e boas vontades, conseguiu ser alguém no nosso meio.

Escritor de elevado brilho literário, conferencista, contista admirável, jornalista que fez da sua profissão um sacerdócio, Samorano bem merece que lhe dediquemos umas linhas, no mês em que passa o aniversário da sua morte.

Todas as suas iniciativas foram coroadas de êxito. Pequeno de corpo mas grande pela alma, que estava sempre repleta dum desejo firme de vencer, Samorano estreou-se como conferencista auspiciosamente.

Como jornalista, a êle se deve uma entrevista com o Marechal Italo Balbo, concedida por forma verdadeiramente curiosa.

Balbo recusara, terminantemente, conceder a descrição das suas impressões a qualquer que lh'as solicitasse. Samorano, contudo, acercou-se do hotel, onde o grande aviador se hospedara e tentou ser recebido.

— «Não!» — foi a resposta decisiva que recebeu — Sua Excelência não recebe ninguém.»

Outro dia, outro e outro, Samorano insistiu mas sempre obteve a mesma resposta.

Então, teve uma idéa genial. Foi pedir ao jornal «O Senhor Doutor» de cuja redacção fazia parte, que convocasse algumas crianças. Estas, levando ramos de flores com as fitas nacionais, foram, em nome das crianças de Portugal, cumprimentar Italo Balbo.

Claro está que o aviador não pôde recusar homenagem tão comovedora e concedeu um autógrafo a Samorano, que assim viu a sua boa vontade coroadada do maior êxito.

Amigo das crianças, Samorano criou no posto C. T. 1 G. L., a «Hora Infantil» e, quando Humberto da Cruz quis levar à mais longinqua colónia de Portugal a saudade de todos os portugueses, Samorano organizou uma subscri-

ção entre as crianças para, num gesto lindo, ocorrerem a tão bela iniciativa.

Como jornalista, Samorano entrevistou, curiosamente, o pequenino Augusto, a malograda criancinha negra que foi o ídolo da Exposição Colonial. Entrevista interessante pela sua fina verve de observador, havia nela a nota inconfundível que revelava Samorano um escritor de estilo característico.

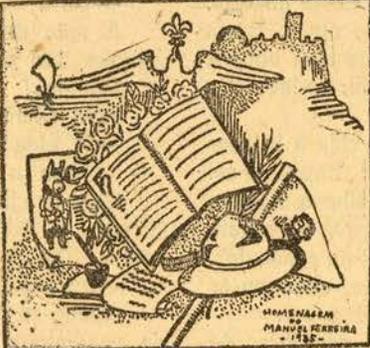
Também entrevistou, além de outras notabilidades, a navegadora solitária Colette Offaire, que andava correndo o mundo à busca de fortes emoções. Neste trabalho, revelou Henrique Samorano largos e belos horizontes.

Desportista entusiasta, mereceu-lhe especial atenção o Escotismo. Quando Baden Powel, visitou o nosso País, Henrique Samorano conseguiu da extremosa esposa do Chefe, um autógrafo amável e valioso.

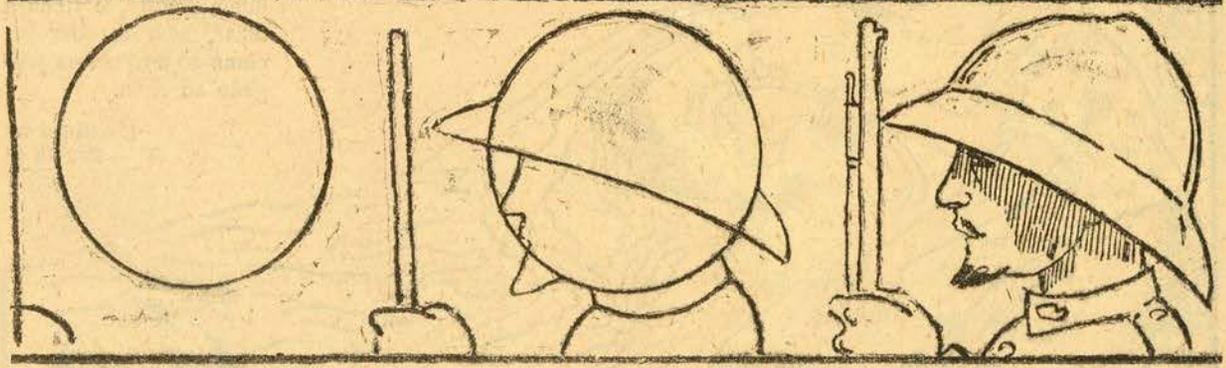
Concorreu em tudo que pôde para que o Escotismo progredisse entre nós. Fundou um grupo em Sintra, a linda vila que mais parece uma visão do Paraíso do que um recanto da terra. A inauguração desse grupo constituiu uma solenidade admirável e Sintra já lhe prestou a devida homenagem, dando a uma das suas praças, o nome do malogrado amigo da Infância.

Quando se realizou o 5.º acampamento nacional dos escutas, Samorano viveu, como escoteiro, no campo. Debaixo das tendas, além de ser o jornalista que deliciava a gente miúda com as suas crónicas, era ainda o velho lobo que instrua os lobitos com as suas histórias, na Rocha do Conselho.

Poderia vir a ser um Grande de Portugal! Tinha todas as qualidades para vencer na vida. Contudo, Henrique Samorano, no curto prazo que com êle convivemos, deu-nos a impressão de que fez qualquer coisa de grandioso e de sublime. Amigo das crianças, a elas consagrou a sua curta existência e, por isso, todas elas devem lembrar sempre o nome desse jornalista, escritor e escotista que, de alma enamorada de ilusões e de beleza, seguia o lêma do Divino Mestre: — Deixai vir a mim, os pequeninos!



L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um soldado expedicionario italiano



VISITA MISTERIOSA

POR MARIA BRANCO

A varandinha possuía, como roda-pé, a fiada de vasos de barro vermelho onde floriam crisântemos. Josésito, manhã cedo, vinha tratar dessas flores e da gaiola de Coelho. Como ele gostava da sua coelheira!

Limpava-a muito bem, deitava em comedôiros os restos da cozinha, cuidava em que a água estivesse sempre imaculada...

Assim, ele conseguia ter coelhos vivos ladinos, de pelagem fofa e branca como a neve.

Alegremente, corria até à Escola, onde dava boas lições e era estimado por todos.

Aos Domingos saía sempre com os Pais e a irmazinha. Nos jardins públicos havia flores tão lindas, belas ruas onde corriam livremente...

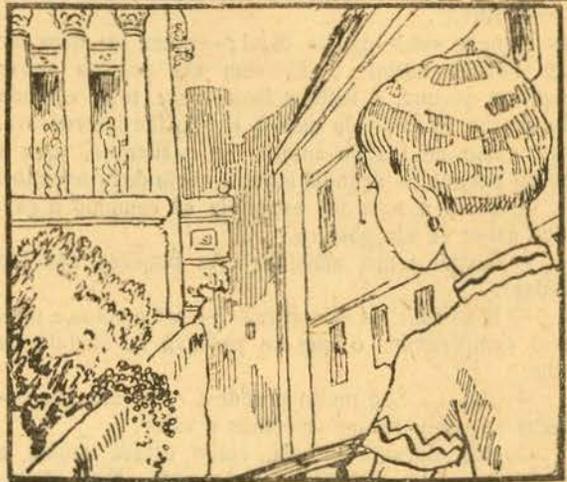
Pelas tardes de verão, iam mais longe. Campos fora até aos moinhos, outras vezes até à beira-mar.

A vida era linda, seus pais e seu lar eram adoráveis; um dia porém... Um visitante, negro e sujo, entrou-lhe dentro da alma. Entrou, sentou-se e deixou-se ficar...

Josésito desleixava-se em suas obrigações, o seu aspecto era taciturno, as belas alegrias morriam aos poucos.

Seus pais inquietavam-se. Sua mãe via-o abstracto, fitando dolorosamente o palácio da esquina. Uma manhã, em que avidamente olhava o parque dos milionários, sua mãe apontou-lhe aqueles jardins onde somente perpassavam criados...

Aquelas numerosas janelas sempre fechadas...
— «Sabes José?... O menino William está muito doente. Seus Pais andam longe numa viagem.



A noite passada a febre era tão alta que a enfermeira, assustada, chamou o médico.

Que tristeza! Sem ter aqui a sua Mãe, o seu Pai!

Mas os milionários têm muitas obrigações imperiosas. O embalar dos filhos, tratá-los em suas enfermidades, passeá-los docemente ao colo, todos os carinhos que têm afogado a tua existência, só excepcionalmente o menino William terá gosado.

Além disto, é tão raquítico que mal pode andar.

Percorre países de sol, esperando melancolicamente a cura que tarda a chegar.

Que inveja lhe farão os outros meninos, pobres como tu jogando no largo, entre gargalhadas estridentes, cheios de força e de saúde!

Ele, coitadinho, sempre em casa, em automóveis fechados, aquecido com peles raras... mas parecendo um velhinho que vai morrer...»

Josésito pigarrou uma, duas vezes.

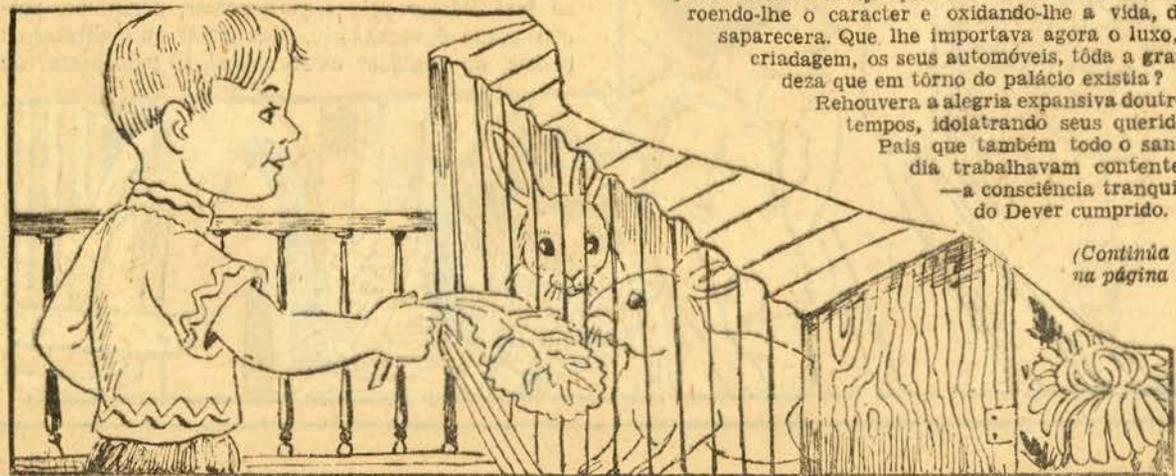
Ao terceiro pigarro, os olhos picaram-lhe e lágrimas grossas como punhos, caíram-lhe cara abaixo...

Sua Mãe adivinhara-o.

Aquela maldita inveja que lhe minava a alma, corroendo-lhe o caracter e oxidando-lhe a vida, desaparecera. Que lhe importava agora o luxo, a criadagem, os seus automóveis, toda a grandeza que em torno do palácio existia?

Rehouvera a alegria expansiva doutros tempos, idolatrando seus queridos Pais que também todo o santo dia trabalhavam contentes, — a consciência tranquila do Dever cumprido.

(Continua
na página 7)



A AVENTURA da RITINHA

(Continuado da página 1)

— Vem daí! — dizia a vizinha.

Em vez de lhe obedecer, a Ritinha quis saber:

— Que é isto?

— São bonecos. Ora o que há de ser?

— Bonecos! — repetiu a Ritinha, deslumbrada. E perguntou de novo:

— E para que servem?

— Olha que idéa! Sempre tens coisas! Servem para brincar; pois então!

— Ah!...

Aquele «ah!» queria dizer: — quem me dera ter um boneco assim... E, sem ela própria saber explicar porquê, a Ritinha ficou triste, teve vontade de chorar. O resto da cidade já não lhe interessava. Era como se Lisboa inteira se resumisse, para a pobre pequenita, naquela montra cheia de brinquedos.

À noite, a mãe foi esperá-la ao caminho e quis logo saber se ela gostára.

— Gostei tanto, mãisinha! As bonecas são tão lindas!...

— E as ruas, os «electricos»? — perguntava a mãe, sem compreender o que se passava na alminha da filha.

— Sim... São muito grandes... O mãe, as bonecas parecem mesmo meninas a valer...

Depois, durante a ceia, como estava moída, e cheia de sono, não disse mais nada. Mas, desde aquele dia, a Ritinha deixou de ser alegre como dantes. Não se podia esquecer da montra dos brinquedos! Mais lhe valera não ter ido à cidade...

Quando levava a roupinha, já não cantava, como era seu costume.

A mãe estranhava-a, e as vizinhas também. Mas, não eram só elas: os peixinhos da ribeira também



estavam admirados de não ouvir a sua voz. Era tão afinada e fresquinha, a cantar:

«Ó minha mãe da minha alma,
Ó pai do meu coração,
Por muitos anos que eu viva
Não vos pago a criação!»

Agora, por mais que se aproximassem, só ouviam o barulho da roupa a bater na pedra, e da água a escorrer.

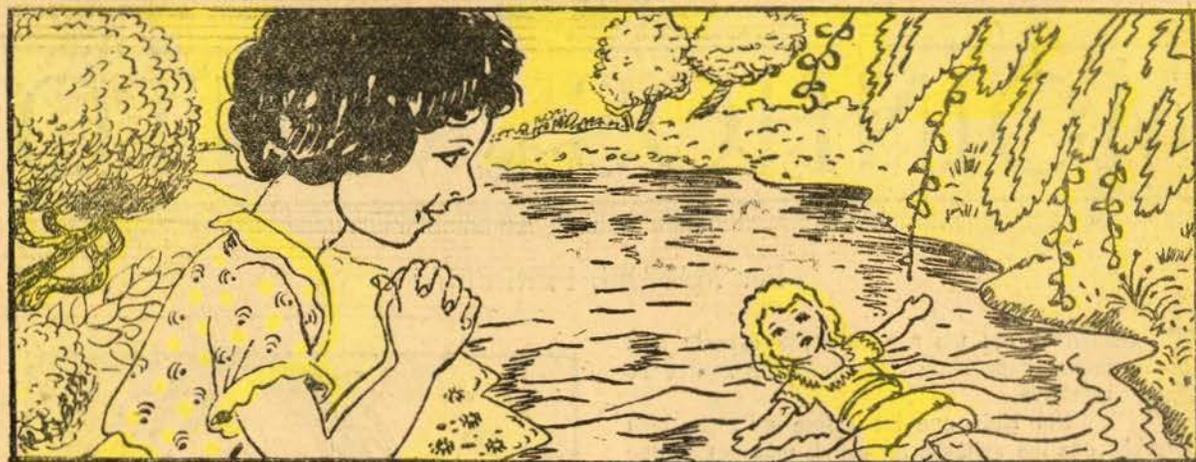
Que teria acontecido para a Ritinha ficar assim triste?

Ora, ali perto, numa quinta muito bonita, viviam dois irmãozinhos — um menino e uma menina — que tinham brinquedos a fartar, porque os pais eram ricos e podiam dar-lhes tudo o que lhes apetecia. Eram tantas as coisas bonitas e engraçadas que aqueles meninos tinham, que já nem lhes ligavam importância.

Uma tarde, estavam eles a brincar com uns ami-guinhos, mesmo junto da margem do regato, um pouco acima do lugar onde a Ritinha costumava lavar a sua roupa. O pequeno, que era rabino a valer, teve uma idéa má: como a água era muito clarinha, deixando até ver o fundo, êle lembrou-se de atirar pedras aos peixinhos que passavam.

E o pior é que tinha boa pontaria, acertando, quasi sempre, nos pobres animaizinhos, alguns dos quais morriam com a violência da pancada. Isto não se faz! Pescar peixes para comer, admite-se, porque assim é necessário. Mas matar ou maltratar os peixes, ou qualquer outro animal, só pelo prazer de





fazer mal, é praticar uma acção má, que merece castigo.

Os peixinhos do ribeiro estavam assustados e indignados com a crueldade daquele menino que, apesar de andar bem vestido, parecia ter menos educação que os rapazes da rua. Mas não se podiam defender. O mais que faziam era chegar-se muito para a margem do outro lado e passar por ali o mais depressa possível. O garoto percebeu isso e foi-se aproximando da água, atirando as pedras cada vez com mais força.

De repente: *zás-trás!* Escorregou-lhe um pé e, como tinha dado balanço ao corpo, lá foi também atrás da pedra, mergulhar na água do regato. Mas não foi sozinho: ao cair, arrastou consigo uma linda boneca que a irmã ali tinha deixado por esquecimento, deitada sobre as ervas.

Houve gritos, correrias, como é natural. O regato não era fundo mas, mesmo assim, o Gaspar — era este o nome do menino — apanhou um banho de respeito. E, como era medroso, em vez de levar o caso a rir, desatou a chorar, numa berraria de ensurdecer:

— Ai que eu morro! Quem me acode!

Acudiu logo o caseiro que o ajudou a sair da água.

E a boneca? A Luísinha, que era a dona, quando a viu ir na corrente, ainda gritou:

— Ai! a minha boneca!

Mas os outros acharam graça e exclamaram, a rir:

— Deixa-a lá! Vai, também, tomar um banho!

— Como ela já ia muito distante, não se importaram mais, e lá foram para casa com o Gaspar, que escorria dos pés à cabeça, com a roupa colada ao corpo, enquanto a irmã e os amigos faziam grande troça dele. Lá de si para si, o herói daquela peripécia, a bater o queixo, muito envergonhado, ia dizendo:

— Nunca mais atiro pedras aos peixes!

Entretanto, a boneca chegava ao pé da Ritinha e foi mesmo parar junto à pedra onde ela lavava.

A pequenita nem queria acreditar! Pegou na boneca, a tremer, sacudiu-lhe as roupinhas e foi a correr, para casa mostrá-la à mãe.

— Veja! Veja, mãezinha, esta boneca que eu encontrei!

— Que tu encontraste?

— Sim, veio ter comigo, lá no ribeiro...

— Como pode isso ser?

A Ritinha, muito corada e com os olhos brilhantes de comoção, contou à mãe que tinha sido, assim, mesmo, como ela dizia! A boneca tinha vindo pelo regato abaixo, sozinha, sem ninguém.

— Mas, com certeza, tem dona — disse a mãe.

— Tem dona? — repetiu a Ritinha, como se não pudesse compreender, e acrescentou, já com os olhos cheios de lágrimas: — não é para mim?

— Não, minha filha, se a dona aparecer, não é. Guardar uma coisa que encontramos, sem procurar saber a quem pertence, é uma acção feia. Naturalmente esta boneca é da menina da Quinta dos Salgueiros. Vou lá saber, ainda hoje.

A Ritinha ficou ainda mais triste do que estava antes. Nem quis jantar, nesse dia. A mãe tinha pena de a ver assim, isso tinha mas, acima de tudo, estava o seu dever. Era pobre mas honesta. E não era agora, por causa duma boneca, que deixaria de o ser. Beijou a filha e lá foi à Quinta dos Salgueiros.

A Ritinha sentou-se à porta e não despregou os olhos do caminho, enquanto não viu aparecer a mãe.

Seria possível que lhe tirassem a «sua boneca»? Coitadinha!

Afinal, tudo acabou bem! A boneca estava um pouco manchada por causa da água. A Luísinha tinha outras ainda mais bonitas. Disseram à boa mulher que a podia levar para a filha. E, como recompensa da sua honestidade, deram-lhe também um vestido da Luísinha, que era, pouco mais ou menos, da idade da Rita.

A alegria da pequenita nem se pode descrever. E nunca houve, no mundo, boneca tratada com mais carinho do que aquela.

Custa tão pouco, quasi sempre, fazer a felicidade dos pobrezinhos! Nunca pensaram nisso?

Dali em diante, a Ritinha já cantava, e os peixinhos tornaram, finalmente, a ouvir a sua voz afinadinha e fresca como a própria madrugada:

«O minha mãe da minha alma,
O pai do meu coração,
Por muitos anos que eu viva
Não lhes pago a criação!»

MOINHOS de VENTO

Por MANUEL FERREIRA

LUIZINHO era um menino muito esperto mas muito impaciente. Por qualquer motivo se arreliaava.

Um lápis que lhe caísse no chão, uma borracha que lhe saltasse do papel, uma página que o vento voltasse, tudo irritava o nosso pequeno amigo.

D. Luzia, sua mãe, procurava, a todos os instantes e em tôdas as ocasiões, tirar-lhe, com ralhos ou conselhos, esse péssimo costume mas não o conseguia e o menino Luís por qualquer insignificância batia o pé, fazia caretas e zangava-se.

Um dia de verão, estava êle a ler no seu pequeno mas elegante escritório. Era nos arredores de Lisboa, onde Luizinho tinha ido passar as férias com seus pais. Por uma janela debruçada sôbre um campo de trigo, louro e altaneiro, via-se uma paisagem linda, dum deslumbramento tal, que parecia uma visão de maravilha.

Lá longe, muito ao longe, serras cobertas de tojo, giesta e carvalhiça, esbatendo-se sob um céu azul; campos de trigo e milho amarelecido pelo sol, pelo lindo sol da nossa terra. Eucaliptos e pinheiros davam uma nota de verdura às serras sem fim, branquejando entre o arvoredado, a sazonar em frutos, casais lindos, brancos, duma alvura imaculada. Aqui e além, povoados acolhedores, telhados vermelhos e rodapés de côres berrantes; nos vales, a velha picota descia às profundidades do poço, para a água cristalina serpentear cá em cima, nos talhões pitorescos das hortas. Nalguns lados, a água sussurrava tagarela. Ao longe, as silhuetas lindíssimas das colinas verdejantes...

Luizinho estava, como disse, lendo um conto, junto da janela. Porém, o vento que era enorme,



voltava-lhe as folhas repetidas vezes. Não se podendo conter, o pequeno gritou, exasperado:

— «Que diabo de ventania! Todo o dia, ando a fechar esta janela. Valha a verdade, não sei que utilidade tem o vento...»

D. Luzia, que estava junto dele, retorquiu-lhe:

— «Então o vento não tem utilidade?»

— «Então tem alguma? O vento só serve para nós andarmos a correr atrás das cousas. Não lhe acho serventia nenhuma...»

D. Luzia viu que o não poderia convencer com palavras mas sim com factos. E, no dia seguinte, foi com êle passear pelo lugarejo.

Num monte próximo, um moinho muito branco, rodapé vermelho, desfaldava as velas numa canção nostálgica. Vendo-o, Luizinho perguntou à mãe.

— «O que é aquilo?»

— «É o moinho que reduz o trigo a farinha...»

— «Como é que êle faz a farinha?»

— «Com o vento! Tu não vês as velas girarem, lá em cima, devido à ventania que anda por lá. Vamos ao pé dele.»

Pouco depois encaminharam-se pelo vale, subiram a encosta altaneira, repleta de silvados que, nas paredes velhas, estavam cobertos de frutos. O mestre





moleiro, barrete lanzudo, enfarinhado, vigiava as mós. Barulheira tão grande nunca se ouvira.

Lá dentro, os maquinismos, devido ao vento, transformavam os grãos de trigo, depois de escolhidos, em farinha alva como a neve.

Então é que Luizinho viu que o vento, parecendo inútil, tem bastantes aplicações. E nunca mais se zangou quando a aragem lhe levava algum papel ou lhe voltava as folhas do seu livrinho de histórias.



A VISITA MISTERIOSA

(Continuado da página 3)

Que bela lição sua Mãe lhe dera!

... Como os seus coelhinhos estavam abandonados!

E como a sua trotineta velha, de há anos, ali estava esquecida havia tanto tempo!

E os crisântemos? Com tantos botões, que feias flores iriam dar!

E o ninho das suas pombas brancas?

E a cana da pesca que o Pai levava, quando iam ao rio?

E a bela caldeirada que a Mãe sabia arranjar depois?

E o ensinar o A B C à sua Mariazinha?

Mais tarde, quando ele usasse calças compridas, talvez que a peste da Inveja viesse também visitá-la, envenenando-lhe a vida, roubando-lhe os seus tesouros... mas agora saberia defendê-la e, certamente, ela não sofreria tanto tempo como ele.

F I M

CARTA HIEROGLIFICA

(SOLUÇÃO DA DO NUMERO ANTERIOR)

Meus meninos:

Vou-lhes contar uma anedota verdadeira.

Ia El-Rei D. Pedro I pela estrada fóra quando encontrou um rapazinho. Preguntou-lhe: O rapaz: De onde vens, para onde vais, como te chamas e onde estás?

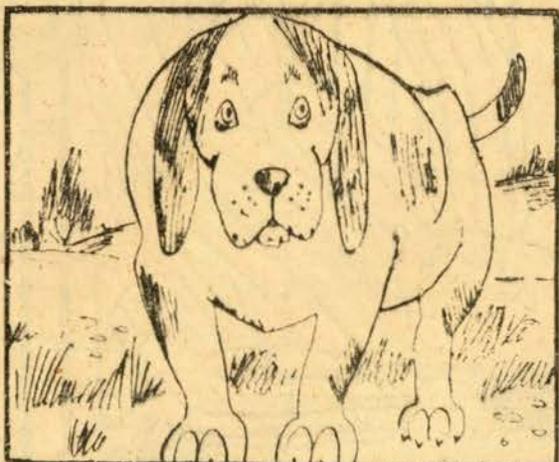
— O rapaz respondeu:

— Sou de Lisboa, vou para Santarém, chamo-me Manuel, não estou com ninguém.

Diz a história que D. Pedro I mandou educar o rapaz que foi depois um magistrado.

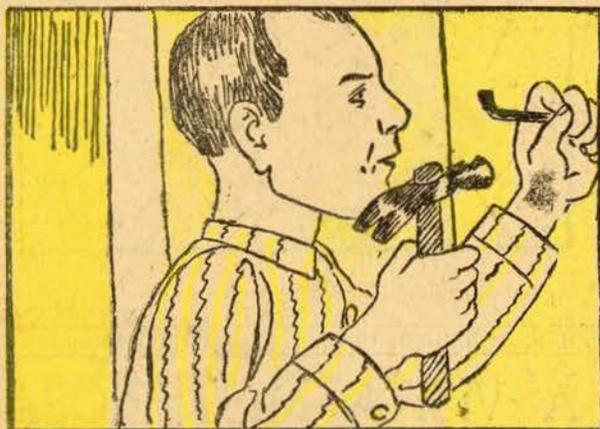
Até depois.

A D I V I N H A

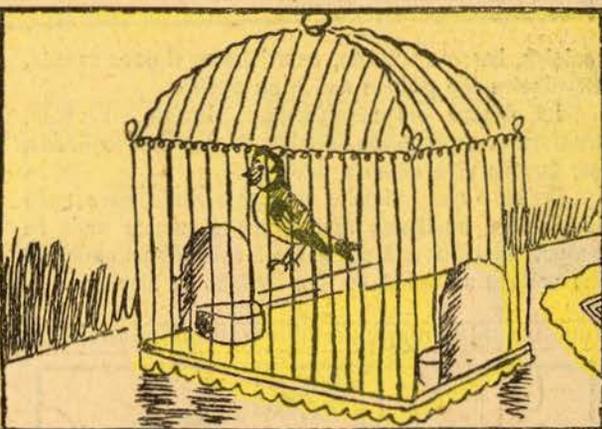


Eis um velho cão perdigueiro que, nos seus tempos aureos, teve dias de triunfo na caça, compartilhado pelo dono que se encontra perto. Vejam se descobrem este

PEDIDO INGÉNUO



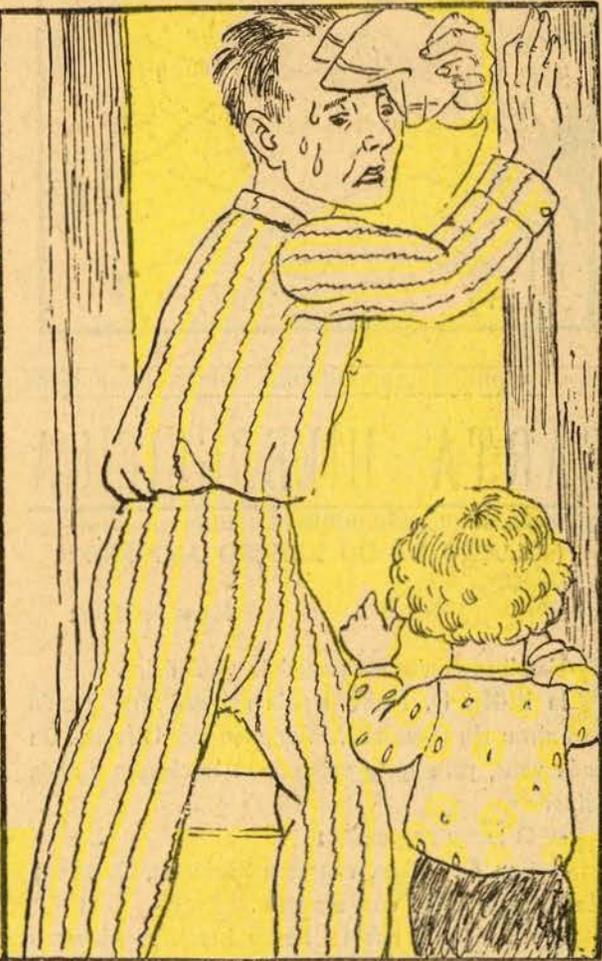
I — O pai do menino Mário
comprou-lhe um lindo canário...
E foi pregar, à janela,
a gaiolinha amarela.



II — Na varanda, sobre um banco,
éste dá tal salavanco,
que o papá cai da tripeça,
vira os pés pela cabeça,



III — Mas, sem ganhar para o susto,
agarra-se, a todo o custo,
ao peitoril da sacada,
qual artista na escalada.



IV — Com grande pasmo do filho,
depois daquele sarilho,
do susto inda mal feito,
limpa o suor contrafeito.

V — Então, o pequerruchinho
diz com toda a ingenuidade:
— «Repita lá, ó paizinho,
essa grande habilidade!»